

**AS DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS DAS OBRAS “O CAPITALISMO PARA O POVO”, DE LUIGI ZINGALEZ E “SOCIEDADE A CUSTO MARGINAL ZERO”, DE JEREMY RIFKIN: PONTOS DE ANÁLISE SOBRE DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS DIANTE DE UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA**

**THE DIFFERENCES AND SIMILARITY OF THE WORKS “CAPITALISM FOR THE PEOPLE”, BY LUIGI ZINGALEZ AND “SOCIETY AT MARGINAL ZERO COST”, BY JEREMY RIFKIN: ANALYSIS POINTS ON DIVERGENCIES AND CONVERGENCES BEFORE A GLOBALIZED SOCIETY**

**Kiwongui Bizawu<sup>1</sup>**  
**Lourenço de Miranda Freire Neto<sup>2</sup>**  
**João Eduardo Demathé<sup>3</sup>**

**RESUMO**

O estudo apresentou-se no sentido de análise específica de duas obras: “O Capitalismo para o Povo”, de Luigi Zingales, e a obra de “Sociedade com Custo Marginal Zero”, de Jeremy

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Curso de Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Vianna Júnior (2000), graduação em Institut de Philosophie Saint Augustin - Institut de Philosophie Saint Augustin (1986), graduação em Teologia - Institut de Théologie Eugène de Mazenod (1990), mestrado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2006) e doutorado em Pós-graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2011). Pós-Doutorado na Universidade de Coimbra - Portugal. Ius Gentium Conimbrigae/Centro de Direito, UCPT / (IGC/CDH), Portugal (2017-2018), Membro do Conselho Curador da Fundação Movimento do Direito e Cidadania (FMDC), Professor do Direito Internacional, Pro-Reitor do PPGD em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara, professor visitante de direito civil II e III e da "Législation en Matière Economique" da UNIVERSITÉ DU KWANGO (UNIK), sacerdote auxiliar - Mitra Arquidiocesana de Belo Horizonte, Congregação do Verbo Divino, professor titular da Escola Superior Dom Helder Câmara e Coordenador do Centro de Estudos afro-brasileiros (AFRODOM) da Escola Superior Dom Helder Câmara com apoio da FAPEMIG. Líder do Grupo de Pesquisa "Direito Animal, Economia, Cultura, Sustentabilidade e Proteção Internacional". Membro do Grupo de Pesquisa Estratégica Panamazônia. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em DIREITO AMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, meio ambiente e desenvolvimento sustentável, direito internacional, Direito Internacional Ambiental, Direito internacional Humanitário, sustentabilidade e Direito Animal.

<sup>2</sup> Advogado e Professor. Doutorando em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco. Bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Universidade Federal da Paraíba - licenciado para tratar de assuntos particulares. Professor Assistente e Coordenador de Educação Continuada na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atua nas áreas de direito médico, direito da saúde (seguridade social), direito constitucional, direito civil, direito processual civil e prática jurídica civil. Integrante do Conselho Editorial da Juruá Editora. Parecerista da Revista Internacional de Direito do Conselho Internacional de Estudos Contemporâneos em Pós-Graduação. Membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências Médicas da Universidade Federal da Paraíba. Foi Presidente da Comissão de Direito Médico-Hospitalar e Planos de Saúde (2013-2016) e Ouvidor-Geral Adjunto (2018) da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional da Paraíba.

<sup>3</sup> Mestrando em Direito Empresarial e Cidadania pelo UNICURITIBA.

Rifkin. Sob essa ótica, inicialmente constata-se que serão compostas de exponenciais divergências de ideologias, porém, verifica-se que é possível convergir entre as duas obras no que se refere as formas de soluções encontradas para a sociedade na atualidade. De um lado encontra-se o primeiro autor voltado para análise de mudanças na concepção do capitalismo, especificamente sob a análise dos Estados Unidos, enquanto de outro há a obra que se retrata a partir da mencionada Terceira Revolução Industrial e a vivência acerca de um capitalismo em defasagem dando origem a uma sociedade que, ao aumentar a produção e excessivo consumo, chegará a um custo marginal próximo à zero graças à Internet das Coisas. Sob os dois pontos de vista, será analisado no estudo se há realmente diferenças exponenciais entre as obras e quais são as semelhanças encontradas entre os dois autores.

Palavras-Chave: Capitalismo. Internet. Globalização. Mudança. Atualidade.

## **ABSTRACT**

The study presented itself in the sense of specific analysis of two works: “Capitalism for the People”, by Luigi Zingales, and the work of “Society with Zero Marginal Cost”, by Jeremy Rifkin. From this perspective, it initially appears that they will be composed of exponential divergences of ideologies, however it turns out that it is possible to converge between the two works with regard to the forms of solutions found for current day society. On one hand there is the first author focused on analyzing changes in the concept of capitalism, specifically under the analysis of the United States, while on the other there is the work that is portrayed from the aforementioned Third Industrial Revolution and the experience about lagging capitalism giving rise to a society that, by increasing production and excessive consumption, will reach a marginal cost close to zero thanks to the Internet of Things. From both points of view, it will be analyzed in the study and to be determined if there are really exponential differences between the works and what are the similarities found between the two authors.

Keywords: Capitalism. Internet. Globalization. Change. Present.

## **INTRODUÇÃO**

O estudo tece comentários sobre tema de análise, qual seja, as diferenças e semelhanças entre a obra “O Capitalismo para o Povo”, de Luigi Zingales e a obra “Sociedade com Custo Marginal Zero”, de Jeremy Rifkin, que se pautou em uma análise crítica sob a metodologia qualitativa em revisão bibliográfica das duas obras, apresentando também breves considerações sobre a produção de outros críticos da área, mesmo se tratando de um conteúdo inovador e que busca convergir com o que se pode aplicar ao Brasil na atualidade.

Em um primeiro momento, portanto, o primeiro capítulo pautou-se no desenvolvimento das duas obras, primeiro analisando o contexto histórico o qual se incluem as obras, e esclareceu acerca da biografia dos autores e suas observações quanto as experiências vividas para influência da escrita dos livros em questão.

No segundo capítulo, sob a ótica do estabelecimento da problemática, verifica-se se realmente há ou não diferenças entre as obras, consignando o que os dois textos de Zingales e

Rifkin abarcam de forma geral, a verificação de diferença entre a escrita e as formas de abordagem, além de insistir em uma pesquisa sobre as críticas que podem ter surgido ao publicar “O Capitalismo para o Povo” e a “Sociedade com Custo Marginal Zero”, mesmo que escassas e de pouca construção literária neste sentido em críticas e resenhas.

De todo o modo, o capítulo três abarcou as semelhanças, estudo aprofundado sobre a possibilidade de se poder combinar o estudo dos livros a fim de se chegar a uma solução pelos problemas apresentados pelos autores, estudando as semelhanças entre os textos, as conclusões as quais os autores explicam nos livros e quais são as soluções apresentadas na finalização de suas obras.

## 1 DESENVOLVIMENTO DAS OBRAS

### 1.1 Contexto Histórico de “O Capitalismo para o Povo” de Luigi Zingales

A análise dos dois textos recai a uma reconstrução da era em que se vive o mundo atualmente no que se refere ao contexto histórico que são abarcados ao longo do texto criado pelos dois autores: Luigi Zingales e Jeremy Rifkin.

Com isso, verifica-se que a obra “O Capitalismo para o Povo” de Zingales está inserida, em relação a primeira edição em 2012 publicado originalmente nos Estados Unidos pela editora Basic Books. No Brasil, a edição estudada é do ano de 2015 e foi publicada pela editora Bei Comunicações em São Paulo.

Diante de todo o diálogo que é traçado na obra, inicialmente, para definição do capitalismo que Zingales<sup>4</sup> menciona, traça-se o surgimento do capitalismo que prevalece a partir do século XVIII, passando pela Idade Média e Revolução Industrial. A obra também recai ao que se teve como a potência capitalista, a Grã-Bretanha, durante o século XIX, e as importantes menções à forma do regime capitalista a qual os Estados Unidos é forte referência para os demais autores da área de estudo.

O livro é bem apresentado pelo autor já no prefácio de seu livro:

Este não é um livro acadêmico nem um sumário das mais recentes tendências e descobertas da economia. Em vez disso, trata-se de uma descrição dos problemas do sistema econômico americano e um apaixonado chamado à mudança – um chamado vindo de alguém com grande convicção no sistema de livre mercado, que ama os Estados Unidos por aquilo que o país sempre defendeu: liberdade na busca de felicidade<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 16.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 17.

Além de toda a crítica que se retrai em razão do sistema capitalista norte-americano, verifica-se que o posicionamento do autor é em razão desse capitalismo e que elogia a forma com que os Estados Unidos lidam com seu mercado e busca solucionar os problemas econômicos com uma reforma e reconstrução novamente da economia.

Sobre a crise financeira a qual os Estados Unidos ultrapassaram, de acordo com Bresser-Pereira<sup>6</sup> em artigo publicado, correlaciona-se com o momento histórico de denotação acerca da obra de Luigi Zingales no sentido que elucidou que a crise pode ser comparada com a crise financeira de 1929 que também ultrapassou o país durante o século XX.

Consigna-se no estudo afirmando que se tratou de uma profunda crise de confiança em razão de uma cadeia de acontecimentos e atividades relacionadas aos empréstimos originalmente imobiliários e que gerou devedores insolventes, levando assim, a preferência à liquidez dos agentes econômicos, liquidando os créditos que são levados aos bancos e outras empresas financeiras sobre a situação de quebra que elas próprias geraram.

A gravidade do problema não somente atingiu os Estados Unidos como todos os outros países, ressaltando Bresser-Pereira que os países tomaram atitudes rápidas e competentes, pois compreenderam de imediato a gravidade do problema e não hesitaram em tomar medidas que fossem voltadas para a solvência e garantia da liquidez de seus mercados.

Ainda se revela o otimismo que se buscou durante o período para a solução dos graves problemas criados pela crise do ano de 2008:

Esta resistência dos mercados financeiros às ações dos governos é mais uma demonstração de sua irracionalidade. De seu clássico comportamento reflexivo e de manada. Estou seguro, entretanto, que a confiança voltará em breve. Não plenamente. Certamente com cicatrizes para os Estados Unidos e com prejuízos para todos, inclusive cerca de dois anos de recessão. Mas não teremos nada parecido com a depressão dos anos 1930, porque, naquela época, o governo norte-americano demorou quase quatro anos para agir. Agora, usando instrumentos keynesianos e pragmáticos, não apenas o governo dos Estados Unidos, mas todos os governos relevantes financeiramente estão agindo imediatamente, e com força. E são governos que têm por trás de si Estados fortes, democráticos, dotados de legitimidade política e de recursos fiscais vultosos. Não há razão para que não sejam afinal bem-sucedidos, e a confiança seja recuperada<sup>7</sup>.

Por esta razão, verifica-se que a obra se insere num contexto atual de análise, mas que se estuda o passado em busca de melhor entendimento do presente, sob a ótica,

---

<sup>6</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A crise financeira de 2008*. São Paulo: Revista de Economia e Política, vol. 29, n. 1, jan./mar. 2009, p. 133. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rep/v29n1/08.pdf>. Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>7</sup> Idem.

principalmente da economia dos Estados Unidos de modo geral, não somente no que condiz ao alcance do capitalismo mundial.

## 1.2 Contexto Histórico de “Sociedade com Custo Marginal Zero” de Jeremy Rifkin

A obra de Jeremy Rifkin “Sociedade com Custo Marginal Zero” com a primeira edição datada no ano de 2014 e que foi originalmente publicada nos Estados Unidos pela Editora Palgrave Macmillan, a edição estudada refere-se ao ano de 2016, em português, publicada em São Paulo pela editora M. Brooks do Brasil Editora Ltda.

O estudo que se seguiu adiante da literatura que circunda a obra tem como escopo, a partir do texto completo, no sentido que se volta para complementar outra obra do autor que se refere à Terceira Revolução Industrial também publicado pela mesma editora no Brasil.

Sob um contexto diferenciado de construção das ideias no livro, Rifkin inicialmente busca inserir o leitor nas práticas e ideias que irão ser tratadas ao longo da obra, e já no primeiro capítulo traz a “Grande Mudança de Paradigma do Capitalismo de Mercado para os Bens Comuns Colaborativo”<sup>8</sup>, e abarcou na compreensão que cercará toda a construção do texto no que consiste à decadência do capitalismo diante de uma nova formulação do mercado que é chamada pelo autor de “economia de compartilhamento” e a definição de *Internet* das Coisas.

Por se tratar de uma filosofia diferenciada em análise sobre o capitalismo, o autor tem como base para estudo as compreensões que atualmente agem e interagem com o ser humano na atualidade, como é o caso de institutos de trocas de informações gratuitas na *internet*, a prestação de serviços compartilhados que acabam saindo a custo marginal praticamente a zero, e as disposições atuais de uma nova era da globalização, momento em que todos os países, culturas e economias se aproximam de diversas formas.

Oportuno dispor sobre o contexto histórico da obra, apesar da edição ser datada do ano de 2016, verifica-se consonantes considerações do que realmente passou a concretizar ao longo dos anos, chegando até o início de 2020, momento em que a economia, como bem trouxe Rifkin, estaria chegando a um momento de uma forma sobre a democratização da economia global, mas que está longe de chegar a uma sociedade ecologicamente mais sustentável como o autor afirma em seu texto<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 13-40.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 13.

Não somente sobre a atualidade Rifkin trabalha, mas para se chegar aos modelos que se inseriram na sociedade atualmente no que consiste à economia de mercado, o autor busca trazer no capítulo dois “A História Não Contada do Capitalismo”, e retratou à época feudal, com os cercamentos europeus e o nascimento da economia de mercado, e neste momento histórico já se denota os bens comuns na era feudal, além dessa ascensão da economia de mercado.

Essa reconstrução histórica volta-se da mesma forma o que se buscou na obra de Luigi Zingales, ou seja, retratar o passado e as raízes históricas sobre a Revolução Industrial, os primeiros fabricantes, a era da máquina a vapor, ferrovias e a construção de um mercado de trocas entre os donos de empresas e os operários, apresentam os cenários históricos de acordo com cada ponto de vista diferente, mas que possuem o mesmo objetivo: apresentar novos modelos de economia.

A influência histórica do período sobre a Revolução Industrial é questão ponto de análise por Rifkin<sup>10</sup> ao afirmar que os pensadores, filósofos e sociólogos da área insistiram em se debruçar perante o modelo de novas concepções de sociedade que ultrapassava um momento de mudanças esféricas na Europa, demonstrando que o campo e os seus produtores foram modificados e as formas de negociação, criação de capital e acúmulo de lucros foram pontos que cresceram com o tempo.

Não somente neste sentido, em 1832, Rifkin<sup>11</sup> afirma que surgem as máquinas de impressões à vapor dos jornais e gráficas, dobrando a produção por hora e auxiliando na educação e na disseminação de informação entre as pessoas, momento em que os estudiosos e que aqueles que já tinham compreensões incrustadas acerca do modelo de economia que ali estava sendo criado, passaram a ter mais campo para atuação e influência perante os cidadãos.

Além de remontar ao contexto histórico da Revolução Industrial, o autor subdivide as épocas de avanço na economia e produção em dois diferentes períodos: Primeira Revolução Industrial, aquela conhecida entre a transição do campo para a cidade, o aumento populacional, a criação da máquina a vapor e das linhas de produção; e a Segunda Revolução Industrial, já remontada dentro de um período do século XX, não somente no continente europeu, a América passa a ser ponto central de análise sobre os avanços que ocorreram nas últimas décadas do século XX, principalmente com destaque sobre o petróleo, companhia de energia elétrica, telefone, celular e a *internet*.

---

<sup>10</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>11</sup> Idem.

É importante mencionar, neste momento, o posicionamento inicial de Rifkin<sup>12</sup> sobre a economia. A crítica ao capitalismo está voltada para um modo de economia que será extinto com o passar dos anos e séculos à mercê as formas de trocas de informação, mas também não o abandona totalmente, afirmando o autor que será praticamente natural que a forma capitalista será abandonada, coexistindo com outro modo de produção e economia de mercado, o que pode ser comparado com o que antes ocorria com o feudalismo, a ‘moeda’ de troca passa a ser a informação, pouco se preocupando com o lucro, apenas com a forma de suprir as formas de sustento.

A explicação do autor sobre o ‘custo marginal zero’ tem seu início no seguinte destaque:

A oferta maior de produtos mais baratos cria sua própria demanda e, no processo, força os concorrentes a inventar suas próprias tecnologias para aumentar a produtividade e vender seus produtos ainda mais barato, para reconquistar ou atrair novos clientes (ou ambos). O processo como um todo funciona como uma máquina moto-contínua. Preços menores, resultantes de novas tecnologias e aumento de produtividade, significam mais dinheiro deixado para os consumidores gastarem em outro lugar, o que estimula uma nova rodada de competição entre os vendedores<sup>13</sup>.

O avultado a ser denotado neste momento de análise é que Rifkin<sup>14</sup> considerou que a concentração de poder nas mãos de poucos, isso principalmente nos Estados Unidos, criou um conglomerado diante de vários setores perante a falta de preocupação que os mais ricos tinham sobre os mais pobres, embora os sindicatos travassem amplas discussões sobre a forma que o poder corporativo destruía a dignidade da pessoa humana, eles nunca atraíram a maioria da força de trabalho por causas diversas que são constatadas ao longo do texto.

Portanto, o que se apresenta na obra de Rifkin é o direcionamento de uma concepção acerca do curso – criticado, mas também elogiado pelo autor – ao longo do texto, afirmando que a cronologia de utilização do capitalismo é praticamente curta quando comparada com outros paradigmas econômicos em que a sociedade humana viveu ao longo das diversas décadas, afirmando que o declínio do capitalismo é emergente, mas não vem com novos paradigmas econômicos hostis e que pugnam a destruição de países essencialmente capitalistas, mas sim, a afirmação volta-se para premissas operacionais que reside a partir de uma inconsistência do motor econômico que impulsiona o auge de um domínio que está sendo conduzido – e de forma acelerada – para o seu fim.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 75.

Por fim, a conclusão que Rifkin<sup>15</sup> chega para justificativa do estudo acerca da sociedade a um custo marginal próximo a zero se aproxima da afirmação em considerar que as diversas mudanças econômicas começaram a promover mudanças na conscientização humana, isso desde a Idade Antiga, Idade Média e até os dias atuais, a partir do momento em que os paradigmas econômicos são modificados, a ideia do homem quanto a nova visão de natureza humana emerge, como foi o caso com o Iluminismo, Renascentismo e o Humanismo, denotando que a gestão de uma nova geração para a sociedade com custo marginal próximo a zero também está abarcando em um novo significado da jornada do ser humano.

### 1.3 Observações quanto à Bibliografia dos Autores

Diante do próprio prefácio tratado na obra “Capitalismo para o Povo” de Zingales, o próprio autor menciona o que o livro dele busca atingir esferas entre os cidadãos estadunidenses e de outros países e quais as parcelas das sociedade que poderão, em maior número, se ligarem as suas considerações, dessa forma, a explanação menciona inicialmente que os norte-americanos encontram-se com raiva do sistema, principalmente contra os bancos que, durante a crise financeira que os Estados Unidos ultrapassou, pouco foram atingidos com os déficits financeiros e com as diversas depressões no mercado. O que Zingales afirma é que ele é um desses manifestantes, afirmando se tratar de ser um professor de finanças na Universidade de Chicago, na *National Buerau of Economic Research*.

Além disso, se considera como um dos afortunados diante de toda a depressão econômica a qual o país ultrapassou e que faz parte do 1% (um por cento) dos cidadãos que estão no topo da pirâmide sobre a distribuição de renda. Explica a justificativa para a escrita do livro sob as seguintes palavras:

Estou furioso porque a ideia do livre mercado tem sido cada vez mais açambarcada por interesses empresariais enraizados, alterando fundamentalmente o equilíbrio da democracia americana. Com medo de que os americanos, tomados pela justificável fúria diante do rumo que as pessoas tomaram, escolham um caminho que conduza ao fim do capitalismo americano como o conhecemos. Apesar de todos os seus defeitos, esse sistema capitalista oferece a melhor esperança para a maioria. É um modelo para os defensores da liberdade em todo o mundo<sup>16</sup>.

Durante o prefácio o próprio autor menciona que chegou aos Estados Unidos no ano de 1988, vindo da Itália em busca de escapar do sistema que, segundo ele, era

---

<sup>15</sup> Ibidem, p. 85.

<sup>16</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 14.



fundamentalmente injusto, afirmando que o seu posicionamento político no que refere ao país é independente da obra elaborada, o autor exala as formas de entendimento sobre a meritocracia e a concorrência é considerada até um pecado conforme os ditames da Itália.

O autor assevera que ainda na Itália enquanto estudava, interessou-se por economia e buscou estudá-la durante a pós-graduação, alcançando o objetivo de ter o seu diploma validado nos Estados Unidos, inquiriu em trazer cada vez mais experiência acadêmica para a sua biografia e currículo. Zingales<sup>17</sup> conclui que:

Assim, até a crise financeira de 2008, mantive-me relativamente distante do debate político americano. Apesar dos defeitos, o sistema americano parecia tão melhor que o italiano que não me senti inclinado a fazer mais que dar valor à minha sorte. Tinha a sensação de que minha contribuição seria maior se me envolvesse no debate público do meu país natal, onde os problemas são bem maiores e o sistema prejudica as poucas pessoas competentes que ainda não se afastaram dele<sup>18</sup>.

Porém, a sistemática do pensamento do autor foi alterada após verificar que nos Estados Unidos haviam pontos consonantes com as formações trazidas no ordenamento italiano, utilizando exemplos de que a informação aos Estados Unidos estaria sendo conduzida em um processo de modificação das estratégias de mercado e de utilização do capitalismo a favor da economia.

Criticou a ascensão de George W. Bush que afastou-se de princípios a favor do mercado que eram inicialmente defendidos por Ronald Regan, e que se tornou cada vez mais próximo das grandes corporações; outro exemplo foi que em 2002 criou-se uma tarifa sobre o aço importado para se proteger as manufaturas americanas; oferecimento às corporações as condições tributárias especiais para repartição de lucros etc. Portanto, a justificativa da utilização do seu estudo e conhecimento, Zingales<sup>19</sup> afirma que no ano de 2008 teve a iniciativa de dar início ao debate público americano por meio de seus livros.

Já sobre o autor Jeremy Rifkin, originário de Denver nos Estados Unidos, nasceu em 1943 e é considerado como um dos principais pensadores sociais populares na atualidade, e frisa-se ser o autor de vinte best-sellers e com obras traduzidas em mais de trinta e cinco idiomas. Formado em Economia pela *Wharton School of Finance and Commerce*, pela Universidade da Pensilvânia e em *Fletcher School of Law and Diplomacy* da Universidade de Tufts, o autor é consultor da União Europeia e chefes de Estado em diversos países pelo mundo, além de ser palestrante de educação executiva da *Wharton School* da Universidade da Pensilvânia, conforme informações retiradas do próprio livro em análise.

---

<sup>17</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem.

Assim, desde o ano de 1994, Rifkin é consultor e membro do *Wharton Scholl's Executive Education Program*, sendo um programa de palestras para diversos CEOs (*Chief Executive Officer*) de todo mundo, focando os estudos para as novas tendências da ciência e da tecnologia nas influências sobre a economia, a sociedade e o meio ambiente. Também é presidente da *Foundation on Economic Trends*, em Washington D.C.

Além disso, Rifkin é Presidente da Mesa Redonda de Negócios referente a Terceira Revolução Industrial Global. Essa mesa é composta, de acordo com dados retirados do Grupo BBC<sup>20</sup>, por cem das principais corporações e empresas associadas pelo mundo todo, e criada com o intuito de buscar novas formas de infraestrutura necessária para uma nova era de baixo carbono e acompanhamento do paradigma econômico.

É também fundador e presidente da Fundação de Tendências Econômicas, e tem como fonte de estudo os impactos econômico, ambiental, social e cultural das novas tecnologias da informação na economia mundial.

O plano de desenvolvimento traçado em 2011 com a visão acerca da Terceira Revolução Industrial ressaltou seu papel importante após a adoção pela Organização das Nações Unidas (ONU) para o desenvolvimento de estratégias que mudaram o sistema global relacionado à geração de energia.

## 2 AS DIFERENÇAS ENTRE AS OBRAS EM QUESTÃO

### 2.1 Consignação sobre as duas obras de forma geral

Diante de uma análise crítica após o resumo breve das duas obras, quando se trata da obra “Capitalismo para o Povo”, Zingales<sup>21</sup> utiliza-se de menções que se ligam, inicialmente, para a população, como ele bem declara, porém, o direcionamento principal do autor está voltado para o mercado, de forma que se almeja impulsionar os redimensionamentos das economia na qual o Estados Unidos e os demais países capitalistas vivem.

Seu ensinamento abarca a forma da livre iniciativa, lembrando passagens da meritocracia, da equidade ou não entre as concorrências no mercado, enquanto se disputa vagas nas empresas mais cobiçadas entre os jovens e adultos nos países capitalista, e assim, a

---

<sup>20</sup> BBC CONFERENCIANTES – Gabinete Internacional de Oradores. *Jeremy Rifkin: Guru da Tendência Econômica*. Madrid: BBC International, s.d. Disponível em <https://grupobcc.com/speakers/jeremy-rifkin/>. Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>21</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 20-21.

indicação do autor retrai-se a um sistema econômico – o capitalismo – como forma de desenvolvimento das oportunidades que se relatam pelo mercado de trabalho. Ou seja, quanto mais as empresas se reinventam, maiores são as vagas de emprego, além disso, quanto mais oportunidades para estudo e aperfeiçoamento, melhor e mais justa será a disputa entre as pessoas diante de um cargo almejado.

A narrativa do texto na obra de Zingales consigna formas de capitalismo que já são conhecidas pelos estudiosos da área, mas que é preciso ser pontuada em busca da maior didática possível sobre as obras. Assim, de acordo também com a crítica de Rydlewski<sup>22</sup>, abarca-se no sentido de existir versões do capitalismo mencionadas ao longo do texto. O primeiro é o capitalismo popular, voltado para o ‘povo’ termo usualmente utilizado pelo autor ao longo de toda a obra; enquanto há o capitalismo ‘compadrio’, ‘compadres’ utilizado para isolar dois momentos históricos que foram vividos pelo sistema econômico norte-americano.

Sobre o populismo, o autor passou a definir o seu entendimento:

A maioria dos movimentos populistas caracterizava-se por algum desejo de redistribuição de renda. Mas o populismo se converte numa ameaça à sobrevivência do sistema de livre empreendimento quando os mercados perdem a legitimidade como meios de alocar recompensas – em outras palavras, quando o sistema parece ser injusto para um número cada vez maior de pessoas<sup>23</sup>.

Ao longo do desenvolvimento da obra, verifica-se que o autor se refere aos radicais da esquerda como àqueles voltados ao fim extremo do capitalismo, enquanto este se posiciona no sentido de que esta obra está direcionada para verificar se a ‘raiva’ e ressentimento sentido pela população, inicialmente mencionada no começo da obra, deve ser canalizada para o combate ao capitalismo de compadrio e as elites, e não para a destruição de um livre mercado.

Zingales entende que o sistema atual capitalista dos Estados Unidos é de compadrio, e que é através desse sistema que há o estreitamento das formas de oportunidade que os cidadãos perdem, a partir de uma destruição das formas de meritocracia e de oportunidades que podem levar a um forte colapso nos próximos anos, tornando-se um sistema obsoleto e que precisa urgentemente modificado.

O autor também aborda o que ele chama de crise de confiança no capitalismo, mas também não releva na busca por extinção do sistema capitalista, como bem é percebido a partir da seguinte menção, confirmando o seu posicionamento dissonante da outra obra “(...) a

---

<sup>22</sup> RIDLEWSKI, Carlos. *Um capitalismo para o povo ou para os compadres?*. São Paulo: Época Negócios. Publicado em 13 jun. 2015. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2015/06/um-capitalismo-para-o-povo-ou-para-os-compadres.html>. Acesso em 20 jan. 2020.

<sup>23</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 24.

forma singular do capitalismo nos Estados Unidos não pode ser dada como garantida. É somente ao compreender por que ela é tão rara no mundo que podemos perceber como somos afortunados por ter esse sistema – e o quanto é necessário preservá-lo”<sup>24</sup>.

Ao revés do que normalmente se pauta acerca da falta de concorrência e da busca alternativa de aferição de renda pelas pessoas diante do cenário – que pode ser muitas vezes injusto, perante o capitalismo explorado por Zingales –, o autor afirma que a explicação para o aumento de uma eminente desigualdade social nos negócios pode ser justificável a partir da globalização, assim, a globalização aumenta a concorrência e o retorno por meio em encontrar o melhor em que se busca acompanhar outros melhores.

Frisa-se acerca do que a globalização trouxe como consequências negativas, a partir da visão do autor, quando se trata da busca por garantia de direitos e excelência no estudo acerca dos direitos locais de uma pessoa, comparando exemplificadamente com uma situação ligada ao acesso ao esporte em razão de um clube de golfe:

A globalização gera uma sensação ainda maior de perda de direitos entre as elites locais ao tornar inacessíveis alguns dos bens com os quais estavam habituais. Se o Masters fosse administrado com fins lucrativos, por exemplo, os ingressos poderiam facilmente custar mais de mil dólares cada, e muito dos aficionados, que costumavam poder se aproximar do campo e comprar um ingresso por alguns dólares, ficariam ressentidos com a impossibilidade de arcar com o novo preço (isso não aconteceu com o Masters porque o torneio pertence à associação local de golfe, que tem outros objetivos)<sup>25</sup>.

Sobre os métodos que incorreram a globalização, Rifkin<sup>26</sup>, na mesma seara de pensamento que Zingales trouxe no destaque acima, explica que em diversos processos em que ocorre o aumento e até esgotamento de utilização de tecnologia, a partir da ideia que se expõe no livro, o custo marginal para produção de conteúdo, livros, estudos e tudo mais acaba por ser disseminado por meio da *internet* praticamente de graça, como é visto diante de vários autores que produzem seus livros e disponibilizam a um preço muito baixo ou até mesmo de graça na *internet*, afirmando que “o custo de comercialização e da distribuição de cada cópia é praticamente nulo. O custo está na qualidade de tempo consumido para criar o produto e no custo de TI e de conexão. Um e-book poder ser produzido e distribuído a custo marginal zero”<sup>27</sup>.

---

<sup>24</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 2.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>26</sup> RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 16-17.

<sup>27</sup> *Idem*.

Esse fenômeno citado entre o “custo marginal próximo de zero”, para a leitura de Rifkin é uma das formas que trouxe estrago diante das indústrias editoriais, por exemplo, tanto no sentido de comunicação como na seara do entretenimento, pois ressalta a medida que assim como existem muitas informações, cada vez mais essa é disponibilizada de graça para bilhões de pessoas. A estimativa do autor é que mais de um terço da humanidade produz a própria informação por meio dos *smartphones* e computadores, custo que o compartilhamento chega a praticamente a zero e torna-se um mundo colaborativo neste sentido.

Sobre o ensino, Rifkin<sup>28</sup> traz como inovação a *Massive Open Online Courses* (MOOC), são os cursos *online* abertos e massivos, surgiram a partir de uma postura dos consumidores que se tornam os próprios consumidores, sob a utilização de seis milhões de estudantes inscritos atualmente, o MOOC oferece para esses alunos um grande volume de produção intelectual que operam a um custo marginal próximo a zero. O conteúdo é gerado por alguns dos professores mais renomados do mundo e que estão recebendo esses créditos pelas universidades. A explicação para isso, Rifkin constata:

Em todas as três instâncias, embora o custo fixo ainda seja relativamente alto, esses setores estão experimentando curvas exponenciais de crescimento como a que reduziu o custo marginal da computação a praticamente zero nas últimas décadas. Dentro das próximas duas ou três décadas, consumidores nas amplas redes continental e global estarão produzindo e compartilhando energia renovável assim como bens físicos e serviços, e estudando em salas de aula virtuais a um custo marginal muito baixo, levando a economia para uma era de bens e serviços praticamente gratuitos<sup>29</sup>.

Após essas colocações, importa notar que Rifkin<sup>30</sup> utiliza-se do termo “*Internet das Coisas*” (IdC) para tratar de uma modalidade que interage com a conexão de todas as coisas no mundo todo diante de uma rede global integrada, a *internet*. Não somente máquinas, mas pessoas, recursos naturais, linhas de produção, hábitos de consumo, fluxos de reciclagem e todo e qualquer estilo de visto é compartilhado e pode ser acessado por qualquer pessoa.

O que corresponde ao estudo de Rifkin é que ao se alcançar a plenitude dos meios de compartilhamento de serviços e bens a um custo marginal próximo a zero, a IdC será plenamente inserida no modo de vida das pessoas, pois aumenta-se dramaticamente a produção e produz a um custo marginal próximo a zero ao longo de toda a economia.

A partir da apresentação breve dessas duas obras em análise, a seguir, são ressaltadas as principais diferenças encontradas entre a escrita e as conceituações dentro das obras de Luigi Zingales e Jeremy Rifkin.

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 25.

## 2.2 As diferenças de escritas e conceituações nas obras

As duas obras possuem diferenças não somente de escrita, mas principalmente em relação ao posicionamento político e econômico que cada autor tem como concepção de estudo e de ideologia que imprimem em suas carreiras no campo da pesquisa científica e de produção de conteúdo. Enquanto um defende que o capitalismo deve continuar interagindo com a sociedade e economia, mas que já encontra-se em um verdadeiro colapso, devendo ser repaginado (Luigi Zingales), o outro entende que o capitalismo, também por estar colapso, e deixará de ser um dos principais paradigmas de mercado econômico dos países nas próximas décadas, o que modifica-se a partir do custo marginal próximo a zero que chegam as grandes produções no mercado, graças à tecnologia e *internet* (Jeremy Rifkin).

Sob a análise em busca de encontrar não somente a diferenciação que os dois autores possuem de posicionamentos ao longo de sua formação e produção literária, enquanto um é basicamente formado no ‘berço’ do capitalismo e fugiu de um país com sistemáticas socialistas por não colaborar com esse pensamento (Luigi Zingales), o outro (Jeremy Rifkin), possui exponencialmente o posicionamento socialista de um estudo em busca de compartilhamento de bens e serviço.

Postos esses posicionamentos, na obra de Zingales a explanação está em apreciar o que os Estados Unidos já construiu com o capitalismo e como é preciso mencionar novas formas de conduzir o sistema dentro do país, em busca de não se tornar exaustivo nos termos dos avanços nas economias e no que consiste a criação de melhores e eficientes formas de oportunidade perante a meritocracia e o sistema de concorrência.

Essa consideração sobre a apreciação de que há exceção no capitalismo norte-americano por ter dado tão certo que no capítulo 1 de sua obra o autor retrata o entendimento sobre as especificidades em que o sistema capitalista dos Estados Unidos está constituído, explicando que há fatores geográficos – além dos fatores históricos e demográficos – e retrai-se a atração dos colonizadores em habitarem e criarem um novo país, mas da própria exploração de criar uma nova terra de oportunidades, e não a exploração do ouro ou outras formas naturais que foram encontradas entre a América Central e a América do Sul, como é o caso brasileiro<sup>31</sup>.

---

<sup>31</sup> ZINGALES, Luigi. Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 7.

Cita também os fatores culturais, mencionando a Declaração de Independência dos Estados Unidos, apropriando-se então da palavra ‘povo’ e certificando-se de que a fundação do país foi popular e em busca de compartilhar valores, como a justiça<sup>32</sup>. Por fim, os fatores institucionais colaboram para o sistema capitalista estar em discussão e por ser de certa forma elogiado pelo autor, no sentido de que a natureza federal do governo se tornou ponto principal de análise diante dos aspectos importantes da economia<sup>33</sup>.

Os dados mencionados por Zingales<sup>34</sup> destacam diversos tipos de críticas para o sistema norte-americano, sempre prevalecendo sobre o argumento de que mesmo que este modelo de capitalismo hoje utilizado é obsoleto, outra forma capitalista, competitiva e de oportunidades deveria ser interessante em uma nova sistemática nas próximas décadas. A esfera de crítica e análise da obra volta-se para um assunto que poderia ser muito bem encaixado na realidade brasileira, mas que atualmente a Administração Pública não se preocupa muito em distribuir melhores formas de parcerias público-privadas e são pouco exploradas as formas de se harmonizar o setor público ao setor privado, deixando o setor privado afastado da discussão e realização das metas sociais traçadas pelo setor público.

Zingales faz uma crítica no sentido que deveriam as empresas parar de querer receber subsídios do governo para então fazerem assistências coerentes à população, afirmando que em busca de criar um melhor ambiente de atendimento, de competitividade e de maior equidade entre as pessoas, a realização de intervenções sociais poderiam gerar frutos mais duráveis e efetivos que subsídios na atividade empreendedora.

Já para Rifkin<sup>35</sup>, sua esfera de atuação encontra-se na transformação de posse em acesso, definindo que a partir da propriedade privada, a característica que define o sistema capitalista tem em muitas regiões do mundo latentes dissonâncias, pois há países capitalistas em que a maioria da população não consegue ter a casa própria ou o automóvel próprio. Isso é apontado pelo autor como exemplo de forma injusta de competição que as pessoas acabam por sofrer, pois, para Rifkin, a competição só seria justa se fossem possibilitadas as mesmas condições desde o início da competição, permitindo que ambas tenham o mesmo patamar de alcance de atuação.

A crítica de Rifkin ao capitalismo é que este, na sua visão, prega que as pessoas tem plena liberdade, com efetiva mobilidade social e livre de endividamentos, mas isto seria uma

---

<sup>32</sup> Ibidem, p. 8-9.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 10-11.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>35</sup> RIFKIN, Jeremy. Sociedade com custo marginal zero. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 261.

utopia dentro do que se tem no sistema de mercado e aferição de renda no capitalismo vivido na atualidade. Não se referindo a nenhum país em específico, o que se conclui a partir da análise do autor é que viver uma liberdade a partir dessa medição que dá acesso aos outros ao longo da vida, a propriedade privada possui um aspecto importante, mas que não é isso que define-se como liberdade, ser livre para possuir bens num universo onde muitos não possuem condições de pagar por tais bens não seria efetiva liberdade.

O que se tem por liberdade mesmo está ligado à forma de vinculação específica e ininterrupta que as pessoas têm em trabalhar, aferir renda, pagar contas e sobreviver. Parece mais uma prisão do que uma vida em liberdade mesmo, e dessa forma, ao se propor modos de produção que chegam a um nível máximo de produção chegando a um nível de custo marginal praticamente igual a zero, seria uma forma de “libertar” o homem das concepções individuais de preocupação, passando para concepções coletivas de auxílio ao próximo, abrindo mão da posse em si<sup>36</sup>.

O registro que se encontra na obra de Rifkin<sup>37</sup>, portanto, é que o ser humano deveria simplesmente “abrir mão da posse” e estar voltado para *A era do acesso*, como constata em seu estudo. O autor consagra as formas de deixar para trás ideias de mercados e de troca de propriedade, buscando promover mudanças nas estruturas e relações humanas, para muitas pessoas é inconcebível considerar essa informação e modo de vida, enquanto outras estão livremente participando de uma era de troca, de acesso e de preocupação com a coletividade, isso pode-se verificar em sociedades que sobrevivem até os dias atuais, como é o caso das comunidades que são afastadas e não possuem contato com o mundo exterior, índios em algumas situações e locais do mundo etc.

As duas obras passam a pontos de análise convergentes, mas que se diferem em aspectos eminentemente distintos para verificação, como é o caso de que uma obra, basicamente inicia-se de forma descritiva, narrativa, apresentando poucos dados que, após algumas páginas, são explorados e demonstrados por Luigi Zingales, mas que inicialmente, afirma-se tratar de uma construção intelectual pautada também em sua experiência de vida, ou seja, a saída da Itália para os Estados Unidos em busca do “sonho americano”, procurando mais formas de competição e melhores oportunidades em terra norte-americana.

Na obra de Jeremy Rifkin a representação de dados e embasamento da teoria acerca da sociedade a um custo marginal zero explora outras formas de se justificar a produção intelectual do livro, como é o caso de novas formas de tecnologia, economia, e

---

<sup>36</sup> Ibidem, p. 261-269.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 2268-272.



principalmente, a *internet*. Não sendo uma obra descritiva ou narrativa como é inicialmente a de Luigi Zingales, Jeremy Rifkins inicia já apresentando dados e esferas dimensionais sobre a possibilidade de o capitalismo entrar em um verdadeiro colapso nos últimos anos.

### 2.3 As críticas que surgiram na sociedade perante a publicação das duas obras

Em texto publicado por Ridlewski<sup>38</sup>, o autor entende que para o Brasil, a obra de Zingales, “Um Capitalismo para o Povo” pode ser favorecida entre os diversos estudiosos, principalmente, diante da opinião, acerca dos operadores do direito, para entender a formação do ‘compadrio’ norte-americano, e por quê, diante o Brasil tem sistema distinto, em razão dos fatores geográficos, históricos, demográficos e culturais que foram explorados no país desde suas raízes históricas da civilização.

Dessa forma, a obra de Zingales<sup>39</sup> é criticada e elogiada ao mesmo tempo, na mesma medida que acerta ao falar sobre o capitalismo de ‘compadrio’ e a sua crítica e concentra naqueles que não admitem que o capitalismo, ainda que neste modelo atual e desvirtuado, como atesta Zingales, não deverá prevalecer. Há resistência em aceitar como solução repensar uma nova abordagem de modelo capitalista, pois isso seria como admitir o fim do ‘sonho americano’.

Na legislação em casos brasileiros, verifica-se que o capitalismo brasileiro, por mais que seja primitivo, pode-se aproximar do capitalismo de ‘compadrio’ instalado nos Estados Unidos de acordo com a obra de Zingales, isso porquê o sistema que se liga às licitações e concessões na Administração Pública e as formas de fomentar as políticas públicas pelo governo estão como intervenções do Estado na economia de forma manipuladora e que impedem, de forma concreta, a concorrência justa e as formas de acarretar na meritocracia.

A meritocracia para o autor é definida seguindo exemplos:

Naturalmente, nem todos apoiam o sistema de mercado. Suspeito que o motivo que leva alguns intelectuais a rejeitá-lo seja o fato de o sistema não recompensar aquilo que eles consideram meritório: Lady Gaga ganha muito mais dinheiro do que os laureados com o prêmio Nobel. Mas, nos Estados Unidos, as pessoas em geral aceitam o sistema – não apenas por considerar que ele proporcionará um resultado razoavelmente eficiente, mas também por considerá-lo em grande parte justo. Como nas histórias de Horatio Alger, elas acreditam que virtudes como honestidade, frugalidade e trabalho duro serão recompensadas<sup>40</sup>.

<sup>38</sup> RIDLEWSKI, Carlos. *Um capitalismo para o povo ou para os compadres?*. São Paulo: Época Negócios. Publicado em 13 jun. 2015. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2015/06/um-capitalismo-para-o-povo-ou-para-os-compadres.html>. Acesso em 20 jan. 2020.

<sup>39</sup> ZINGALES, p. 11.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 13.

Sobre a obra de Jeremy Rifkin analisada, a “Sociedade a Custo Marginal Zero”, em abordagem realizada por Borges<sup>41</sup>, afirma-se que a visão do autor é extrema ao afirmar que o capitalismo perderá a sua dominância perante os paradigmas do mercado dando lugar à economia colaborativa durante o século XXI. A explicação de Borges em matéria crítica está no sentido de que o dinamismo e a eficiência, de acordo com sua interpretação, resultam na evolução das máquinas e tecnologias e se tornam estas as responsáveis pelo colapso do capitalismo.

O ritmo de produção acelerado, como ressalta Borges<sup>42</sup>, refere-se ao sistema do mercado no que condiz ao constante avanço tecnológico e a possibilidade de existir uma produção eficiente ao ponto de tornar o custo marginal dos preços para produção de unidades acerca de um determinado produto ou produto intelectual, próximo a zero. Ao tornar o acesso muito mais fácil, para Borges, portanto, o posicionamento de Rifkin durante a produção do livro assume uma forma ambígua em relação ao capitalismo, sob a justificativa, como realmente se vê na obra, como um mecanismo ágil e eficiente para organização da economia no passado, mas que está fadado a tornar-se obsoleto ao longo dos anos, lamentando o fim deste regime.

De acordo com a crítica traduzida pela Revista EXIT!, Aabromeit<sup>43</sup> afirma que Rifkin é um pensador ou crítico dado como o mais importante acerca do estudo da situação social da atualidade e que muitos não são a favor seu posicionamento político no que concerne as ideologias socialistas, porém, para aqueles que se veem interessados para a busca de horizontes diferenciados sobre a meritocracia, o sistema de concorrência desleal – muitas vezes – e a busca por novas concepções de mercado, a obra de Rifkin é uma forma importante de estudo para a compreensão da sociedade, onde ela passou e para onde vai.

Isso geralmente é bastante simples de formular; mas, como sabem quase todos/as os/as cientistas burgueses/as, não é tão fácil no detalhe! Em princípio, Rifkin vê a pele do capitalismo já hoje a desaparecer. Mas: ele espera muito que o seu capitalismo, tão incrivelmente ambivalente, possa durar bastante tempo, ao lado do que ele chama "sociedade de custo marginal zero", alguns anos, talvez até algumas décadas. (...) As suas descobertas sobre o processo de encolhimento do capitalismo são ainda mais acutilantes<sup>44</sup>.

---

<sup>41</sup> BORGES, Amon. *Capitalismo dará lugar à economia colaborativa, prevê autor de best-seller*. São Paulo: Folha Uol. Publicado em 05 dez. 2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1715273-obra-preve-fim-do-capitalismo-para-dar-lugar-a-economia-colaborativa.shtml>. Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> AABROMEIT, Richard. *Jeremy Rifkin: A Sociedade do Custo Marginal Zero – Recensão do seu último livro*. Alemanha: EXIT!, n. 14, 2017. Disponível em [http://www.obeco-online.org/richard\\_aabromeit5.htm](http://www.obeco-online.org/richard_aabromeit5.htm). Acesso em 21 jan. 2020.

<sup>44</sup> Idem.

O posicionamento tomado por Rifkin e Aabromeit em sua crítica liga-se à possibilidade de realmente existir a decadência do capitalismo e uma nova forma de existência de paradigma econômico, inclusive no que consiste a *Internet das Coisas*, menção afirmada por Rifkin e que será visto a seguir durante a explanação das duas obras.

A seguir, encontra-se no terceiro capítulo a comparação entre as semelhanças encontradas nas obras de Zingales e Rifkin e as formas de ‘solução’ ou ‘saída’ apontadas pelas duas obras.

### 3 SEMELHANÇAS ENTRE AS OBRAS

#### 3.1 Semelhanças entre os textos

Diante da observância e estudo dos dois livros em destaque, verifica-se que os autores, por meio dos seus discursos e justificativas que se desenvolvem de forma diferente, acabam por propor a mesma solução: a mudança perante os sistemas estabelecidos há vários anos e que se demonstra obsoleto.

De um lado Zingales, afirmando que o capitalismo deve e continuará a existir, demonstrando que a sistemática norte-americana está em defasagem perante a usual utilização do termo capitalismo de ‘compadrio’, verificando que as formas de concorrência e de ascensão na sociedade estão se tornando mais dificultosas e causando sérias indignações na população e que essa modelagem deve ser alterada, pois para ele a adesão do povo ao sistema capitalista é fator de suma importância. Enquanto Rifkin afirma que o capitalismo como é conhecido na atualidade está chegando a seu fim, sendo substituído por formas de consumo que chegam a um custo marginal zero por meio da ampla produção que as empresas alcançam, além da *Internet das Coisas*.

O que Zingales também traz em consonância com a obra de Rifkin é quando há a consideração no seguinte destaque:

O capitalismo traz consigo a desigualdade de renda. O público costuma aceitar essa desigualdade desde que não seja excessiva, seja vista como parte de um sistema que beneficia a todos e, mais importante, seja justificada por um princípio que boa parte da população considere ‘justo’. Um sistema competitivo de livre mercado possibilita as três coisas. A concorrência limita a possibilidade de obter lucros extraordinários, e assim limita também a desigualdade de renda. A concorrência garante que os consumidores desfrutem dos benefícios da inovação. A concorrência cria pressão no sentido da eficiência e, portanto, da meritocracia, sistema do qual as

responsabilidades são designadas às pessoas mais capazes de produzir resultados e no qual as recompensas são vistas então como um prêmio justo<sup>45</sup>.

A concorrência, vista sob a ótica de Zingales, é observada no sentido de impulsionar as formas de melhoria e capacitação de cada pessoa para ingresso no mercado de trabalho, e sob outra ótica, também enseja o destaque acerca do mercado e economia – se há a especialização diante de novas formas de tecnologia, outras empresas também hão de buscar se equiparar àquela que obtém maior lucro.

Sobre os meios de produção do mercado, Rifkin<sup>46</sup> adverte que é a partir do momento em que um empreendedor introduz inovações tecnológicas em seu sistema de produção, logicamente, irá reduzir o preço de bens e serviços, ganhando uma vantajada competitividade temporária sobre os competidores que são amarrados ao meio de produção que são, na visão do autor, obsoletos, resultando na desvalorização de investimento antigos e que eles estão presos a diversos tipos de negócio. Dessa forma, o modo de concorrência anteriormente ressaltado por Zingales também é encontrado nessa menção de se chegar a uma sociedade com custo marginal zero de Rifkin.

Rifkin, conduz o entendimento a partir da seguinte citação:

Nos setores maduros em que um punhado de empresas obtiveram sucesso em dominar grande parte do mercado e forçaram a existência de um monopólio ou oligopólio, elas têm todo interesse em bloquear o progresso econômico futuro para proteger o valor do capital já investido em tecnologia ultrapassada. (...) Líderes setoriais poderosos frequentemente se esforçam para restringir a entrada de novas empresas e a introdução de inovações. Mas retardar ou impedir novas tecnologias para proteger investimento de capital anteriores cria um ciclo de feedback positivo impedindo que o capital seja investido em novas oportunidades lucrativas<sup>47</sup>.

Ao revés, é possível verificar esse ponto de encontro entre as duas obras que foram visualizadas, ambas propõem que o sistema capitalista na atualidade, na obra de Zingales ligado especialmente aos Estados Unidos, enquanto na obra de Rifkin há uma menção de acordo com uma abrangência mundial –afirmando que a sistemática e paradigma utilizado e baseado nos ditames que foram inicialmente instaurados pela Revolução Industrial – tornou-se obsoleto e passa-se a ensejar diversas insatisfações: da população de forma geral que encontra dificuldade em concorrer honestamente com outras pessoas e sobre os motivos que levaram o capitalismo à obsolescência.

---

<sup>45</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 25.

<sup>46</sup> RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 18.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 19.

O que se ressalta é que as obras não criticam o modelo capitalista em sua origem, ou seja, não há uma crítica incisiva por parte de Rifkin e Zingales no que se liga a modelagem de economia sobre o capitalismo, ou seja, a concorrência, o estabelecimento de lucros equânimes e o impulsionamento do mercado não são fontes de crítica direta pelas obras, mas sim, o que encontra é a análise aprofundada sobre os reflexos ou resultados que um paradigma econômico que rumo para se tornar obsoleto passa a representar perante a sociedade globalizada e atual.

Tanto com Rifkin como com Zingales, é possível perceber que a busca dos autores é no sentido de estimular novas formas de pensamento a serem despertados pelos leitores, sob o escopo de inferir-se no pensamento crítico acerca de modal que se mostra equivocado no presente, mas que seguem em voga no capitalismo. Por um lado Rifkin propõe e prevê que o molde de modelo capitalista para as sociedades está em defasagem pela própria concepção a qual foi criado, e com isso, a tendência é que se não seja mais o principal modelo de amparo dos países da América do Norte, América do Sul e Europa, sendo substituído por uma sociedade de custo marginal zero, como se destaca a seguir:

(...) suponha que levemos as premissas da teoria economia capitalista a seu desfecho lógico. Imagine um cenário em que a lógica operacional do sistema capitalista atinja um sucesso acima da expectativa mais ousada de qualquer pessoa, e o processo competitivo resulte numa “produtividade extrema” e no que os economistas chamam de “economia do bem-estar geral ideal” – um estágio em que a competição intensa força a introdução de tecnologia de manufatura cada vez mais enxutas, levando a produtividade a um ponto ótimo, em que cada unidade adicional posta à venda aproxima o custo marginal de “zero”. Em outras palavras, o custo real de produzir cada unidade adicional – descontado o custo fixo – torna-se essencialmente zero, deixando o produto praticamente gratuito. Se isso acontecesse, o lucro, a força vital do capitalismo, desapareceria<sup>48</sup>.

Essa é a definição abarcada no sentido do “custo marginal zero” que circunda todo o estudo de Rifkin.

Sobre Zingales<sup>49</sup>, sua consideração acerca do capitalismo está no sentido de verificar a sociedade norte-americana, afirmando que o cidadão criou uma concepção partilhada sobre aqueles que encontram desconfiança perante o livre mercado, mas que não tendem a confirmar que não seria o melhor tipo de sistema para gerar riqueza, sendo um contraponto estipulado pela própria educação financeira dos Estados Unidos.

Assim, é considerável a semelhança entre as duas obras a partir das esferas encontradas em pequenas afirmações corroboradas por Zingales e Rifkin, ambos entendem

---

<sup>48</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>49</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 40.

que a propriedade privada, sem a iniciativa, concorrência justa e o amparo correto da intervenção estatal não prosperarão nas próximas décadas, e a partir dessas concepções, entendem, a partir dos seus pontos de vista, a necessidade de se conceber novos patamares estruturais para a economia global.

### 3.2 Conclusões dos autores

Zingales<sup>50</sup>, ao finalizar sua análise acerca da adoção do capitalismo diante de um novo paradigma de molde econômico, mas ainda com base nessa forma de economia, busca como argumento concluir que os benefícios que são conferidos pelo capitalismo meritocrático perdem seu senso de grandiosidade e relevância quando não há correta distribuição, como na atualidade, essencialmente nos Estados Unidos, onde o mecanismo funcionou de forma concreta.

A crítica do autor é finalizada no sentido de afirmar que o que mais prejudica o sistema do mercado ao qual se submete a maioria dos países na atualidade, o capitalismo, é que a percepção de regras não valem igualmente para todos os países, pois se molda a cada local e a cada determinado tipo de política em que se insere, de modo que, inserido num sistema viciado, o capitalismo igualmente apresentará resultados viciados.

Zingales<sup>51</sup> concorda se tratar de uma sistemática que atualmente retrata uma frustração das pessoas, principalmente do norte-americano, sobre a relação com o sistema dos Estados Unidos como um todo, ou seja, ocorre uma perda de confiança no modelo de economia, atraindo o sentimento popular apensar que intercorrências negativas não sejam somente fruto da volatilidade de uma economia livre, mas sim de vícios nos processos de escolha, o que desestimula os mais jovens a competir, e, para o autor, quando o povo deixa de acreditar no sistema, em seus resultados e que a superação de adversidades econômicas virá da própria economia, inicia-se o processo de rejeição do sistema. A rejeição do sistema como um todo torna-se mais dificultosa em razão da tarefa de transformá-lo completamente, e para isso, seria preciso reestruturar toda o sistema e o entendimento de que efetivamente algo nesta forma de capitalismo não deu certo e precisa ser modificado.

---

<sup>50</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 23.

<sup>51</sup> Idem.

Para Rifkin<sup>52</sup>, é importante relatar que toda a discussão no texto leva a criação de uma consciência biosférica que está sendo latente na atualidade, elucidando que toda a forma de se almejar o conhecimento, propriedade e bens foi estipulada a partir de um pensamento que isso pode levar a felicidade individual e coletiva da espécie.

O autor inclui em sua afirmação que seria impossível que o homem abandonasse as concepções sobre a jornada que se busca no engajamento coletivo e nas responsabilidades de preservação coletiva, passando a uma consciência mitológica da teologia até a ideologia, o ser humano evolui no sentido de que pensar em um todo, e não somente na esfera íntima e individual.

A partir dessa consideração final, explica que a emergência de uma sensibilidade colaborativa pode ser vista como o reconhecimento de que as vidas individuais estão intimamente entrelaçadas com a esfera do bem-estar social e pessoal, dependendo de uma biosfera de consciência plena perante as outras criaturas, considerando que “a nova geração aprende que a biosfera é nossa comunidade planetária, cuja saúde e bem-estar determinam os nossos próprios”<sup>53</sup>.

O retrato disso encontra-se na maior busca por preservação do meio ambiente, novas legislações e acordos pactuados com o escopo de melhorar o bem-estar social das pessoas a partir da menor emissão de gases poluentes e de recorrentes devastações ambientais, como o que ocorreu na Amazônia em meados do fim do ano de 2019 e na Austrália com o desastre ecológico das queimadas no início de 2020.

### 3.3 Soluções

Nas duas obras, sinteticamente falando, buscam os autores apontarem as falhas do sistema de economia de mercado atual, cada autor sob seu ponto de vista, indicando, também, as possíveis soluções ou desdobramentos dos vícios apontados.

Indubitavelmente, como já mencionado anteriormente, o que Zingales<sup>54</sup> aponta como entendimento é que, na atualidade, o sistema norte-americano encontra-se obsoleto, ou seja, já teve sua ascensão e agora encontra-se em queda. Para entender que é preciso modificar a forma da sistemática de atribuição do capitalismo de compadrio, para retorno do capitalismo

---

<sup>52</sup> RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 348-349.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 349.

<sup>54</sup> ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015, p. 23-25

ao que restou conhecido como estilo americano, ou seja, é necessário, inicialmente, que os próprios empresários e a população entenda que o capitalismo não é o problema, mas sim o que foi feito dele e a contaminação do sistema de oportunidades livres por um sistema de compadrio, com vícios na distribuição das oportunidades.

A solução atribuída por Zingales<sup>55</sup> pressupõe que o norte-americano admita que o sistema não mais funciona como o almejado, tornando-se receptivo para novas concepções, as quais precisam decorrer dos melhores estudos voltados para uma batalha efetiva contra o capitalismo de compadrio.

Sobre o que Rifkin<sup>56</sup> apresenta, é basicamente uma constatação com aparência de solução – até porque este autor o problema em si será o responsável pela transmutação do sistema – acionando-se no sentido de que a consciência bioférica acerca da sociedade já foi introduzida e tem tomado forma com o passar do tempo, isso porque os jovens enquanto conectados entre si e em espaços virtuais e físicos, passam a eliminar as barreiras ideológicas, culturais e comerciais que se referiam aos conceitos de “meu” e “seu” diante de um sistema capitalista o qual se está inserido, inclusive no que se refere ao ambiente de atuação do Brasil.

A sua conclusão exposta está diante de um novo cenário que a globalização e a IdC criou, com novos moldes de troca de informação, conhecimento, produtos, bens e até uma nova ideia de propriedade. O capitalismo, portanto, é visto ainda como uma forma de atuação nas próximas décadas, mas que irá se defasar cada vez mais, porém a defasagem será o próprio meio de transformação, a começar pela dinâmica dos serviços e as soluções de rede de comunicações e bens comuns, ingressando, posteriormente, ao mundo além do que os próprios mercados e comércios identificam-se na atualidade.

#### **4. CONCLUSÃO**

O presente estudo pautou-se em analisar, sob a ótica de uma atribuição econômica e na esfera de atuação partindo do contexto histórico de cada autor, a fim de identificar o que cada obra, tanto de Jeremy Rifkins como de Luigi Zingales, podem trazer como benefício diante de uma visão voltada para os bens e comércios realizados na atualidade.

---

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> RIFKIN, Jeremy. Sociedade com custo marginal zero. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016, p. 349-359.



As duas obras possuem discursos e concepções diferentes entre o capitalismo e a forma de repartição de bens, apresentado ao longo do trabalho, existem não somente pontos dissonantes, como formas convergentes entre si.

Ao mesmo tempo que Luigi Zingales esclarece em sua obra que o capitalismo introduzido inicialmente nos Estados Unidos encontra-se em defasagem e suas consequências estão sendo catastróficas em algumas áreas, apresenta como a única solução um novo olhar e ideologia voltado ainda para o capitalismo, sem abandoná-lo, afirmando se tratar de um paradigma de economia que funciona, mas que precisa se reinventar.

De outro lado, Jeremy Rifkins traz uma concepção completamente dissonante, enquanto Zingales traz o estudo do capitalismo e o refinamento deste como forma de solução para a problemática nos Estados Unidos – e em outros países – Rifkins, por mais que afirme em sua obra que o capitalismo ao longo das décadas do século XXI ainda permanecerá, mas não será a principal forma de administração da economia diante de um Estado, traz pontos de análise que afirmam que a modelagem de competição, concorrência e aferimento de lucros excessivos não é o melhor caminho para a construção de uma sociedade justa e solidária, destacando os princípios socialistas que a ele são inerentes em suas obras.

Mesmo quando identificadas essas dissonantes afirmações, ainda é possível convergir em pontos analisados como forma de identificação das soluções que são apresentadas, portanto, tanto na obra de Zingales como Rifkin, é possível perceber que a busca por solução é a mesma: reinventar a sociedade em busca de melhorar as formas de economia dentro dos países que estão a beira de um colapso.

Amenizar os efeitos da concorrência desleal, injustiça e distribuição de oportunidades de modo nem um pouco equânime foram discursos encontrados nas duas obras, e dessa forma, é preciso verificar que dentro de concepções completamente diferentes, a busca pelo bem-estar social e o aumento de oportunidades é generalizada em um anseio o qual toda a população, como é o caso do Brasil, busca incessantemente através de debates e de mudanças que se sentem no cenário político, social e cultural.

As experiências literárias, portanto, podem ser fundidas perante o estudo do cenário político e econômico que os países ultrapassam, principalmente em iniciar uma comparação entre o que os Estados Unidos tem como atribuição do capitalismo – e como funciona perfeitamente no país em que teve diferenças exponenciais em colonização, início, influências culturais, sociais, políticas e educacionais – e a comparação com o que o Brasil vive na atualidade, vivenciando experiências políticas que ressaltaram momentos de crise, não

somente política, mas com reflexos em diversas searas, inclusive social, em que se verifica a divisão de ideologias que muitas vezes são pouco compreendidas pela maioria das pessoas.

Isso porquê a educação financeira e política pode ser defasada através de métodos de estudo errôneos e equivocados, sem contar com o que se tem recentemente com a divulgação das conhecidas *fake news* e concepções analíticas influenciadas por mídias parciais sobre a busca de informação. Pode-se utilizar como referência para estudo as duas obras que foram analisadas no presente trabalho, em busca de determinar novas formas de pensamento acerca do que se constatou na reinvenção de um capitalismo disposto por Zingales e a forma de produção de conteúdo, conhecimento, produtos e bens diante de uma sociedade com custo marginal próximo de zero.

## REFERÊNCIAS

AABROMEIT, Richard. *Jeremy Rifkin: A Sociedade do Custo Marginal Zero – Recensão do seu último livro*. Alemanha: EXIT!, n. 14, 2017. Disponível em [http://www.obeco-online.org/richard\\_aabromeit5.htm](http://www.obeco-online.org/richard_aabromeit5.htm). Acesso em 21 jan. 2020.

BBC CONFERENCIANTES – Gabinete Internacional de Oradores. *Jeremy Rifkin: Guru da Tendência Econômica*. Madrid: BBC International, s.d. Disponível em <https://grupobcc.com/speakers/jeremy-rifkin/>. Acesso em 21 jan. 2020.

BORGES, Amon. *Capitalismo dará lugar à economia colaborativa, prevê autor de best-seller*. São Paulo: Folha Uol. Publicado em 05 dez. 2015. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1715273-obra-preve-fim-do-capitalismo-para-dar-lugar-a-economia-colaborativa.shtml>. Acesso em 21 jan. 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *A crise financeira de 2008*. São Paulo: Revista de Economia e Política, vol. 29, n. 1, jan./mar. 2009, p. 133. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rep/v29n1/08.pdf>. Acesso em 21 jan. 2020.

RIFKIN, Jeremy. *Sociedade com custo marginal zero*. São Paulo: M. Brooks do Brasil Editora Ltda., 2016.

SAYEG, Ricardo Hasson; BALERA, Wagner. A PESSOA JURÍDICA COMO SUJEITO DE DIREITOS HUMANOS. *Revista Jurídica*, [S.l.], v. 3, n. 56, p. 475 - 499, jul. 2019. ISSN 2316-753X. Disponível em: <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/RevJur/article/view/3586/371371977>. Acesso em: 19 abr. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.21902/revistajur.2316-753X.v3i56.3586>.

ZINGALES, Luigi. *Um capitalismo pra o povo: reencontrando a chave da prosperidade americana*. São Paulo: BEI Comunicação, 2015.